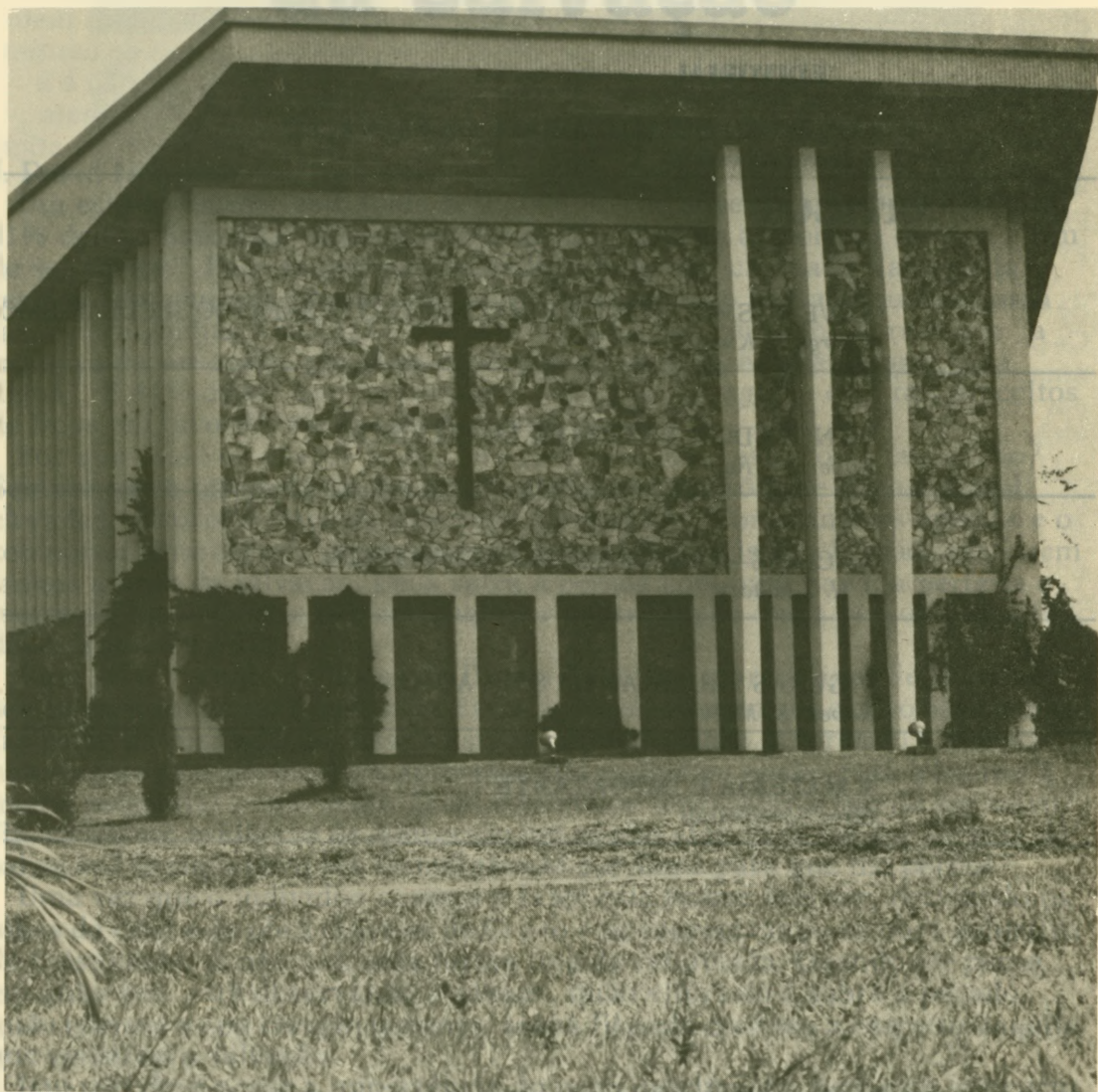


Editorial

# Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



## O Desafio do Secularismo

## EDITORIAL

### CONFUSÃO QUANTO À BASE DA SALVAÇÃO

*J. David Newman*

---

## ARTIGOS

### ADVENTISMO, INSTITUCIONALISMO E O DESAFIO DO SECULARISMO

*George R. Knight*

---

### VENCENDO A BARREIRA DO SILÊNCIO

*Robert W. Rae*

---

### ANCIÃOS—PASTORES DÃO NOVO APOIO

*J. H. Z achary*

---

### FIGURAS PAULINAS DA SALVAÇÃO

*Robert K. McIver*

---

### A MATÉRIA É IMPORTANTE

*Siroj Sorajjakool*

---

**Gerente Geral:** Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca  
**Diretor de Arte:** Erlo Kohler; **Diagramação:** Josias H. Silva; **Colaborador Especial:** Amasias Justiniano,  
Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Jorg Burlandy, Jefté Carvalho, Adamôr Pimenta.  
**Capa:**

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista **O MINISTÉRIO ADVENTISTA** devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela **CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**. Rodovia SP 127 — Km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

# Confuso Quanto à Base da Salvação

J. David Newman

Um estudo recente com mais de 12.000 jovens adventistas, constatou que 81% deles criam que “devemos viver de acordo com as normas divinas a fim de ser salvos”. Esse estudo patrocinado pela igreja, chamado Valorgenia, revelou também que apenas 28% admitiam que “não há nada que eu possa fazer para ganhar a salvação”. Sessenta e dois por cento indicaram que “a maneira de ser aceito por Deus é procurar viver sinceramente uma vida digna”. E 44% criam que “o principal realce do evangelho está nos preceitos de Deus em favor do viver corretamente”.

Por que estão os nossos jovens tão confusos com respeito ao evangelho? Sempre que a igreja dá realce à vida piedosa — padrões de ética e moral elevados — corre o risco de distorcer o evangelho. Conquanto as normas e o comportamento correto sejam necessários na vida do cristão, eles não constituem jamais a base da salvação. Deus salva a pessoa com base na vida perfeita e morte de Jesus Cristo; não em qualquer contribuição que a pessoa possa ter dado (Rom. 5:9 e 10).

Uma série recente de lições da Escola Sabatina sobre o livro de Romanos, serviu para aumentar a confusão. Essas lições ensinaram que o novo nascimento faz parte da justificação. Essa mistura de justificação (a forense) e o novo nascimento (a experimental) apresenta um problema muito real. Vêm-nos à mente perguntas como estas: Quão convertido devo estar a fim de ser salvo? Há suficiente evidência de conversão em minha vida para me dar certeza da salvação? Quanto devo ser transformado por Deus para que me perdoe?

Uma vez que o indivíduo começa a fazer este exame interior, desviando os olhos da cruz e da obra objetiva de Cristo e se concentrando na obra subjetiva de Cristo nele, já não tem uma forma fixa de referência. Quando ele pensa em quão bem está observando o sábado, quão vitorioso é sobre o pecado, quão correto é seu comportamento, acaba ficando confuso a respeito daquilo que constitui a salvação.

Isto não deve negar a importância do novo nascimento. Sem este, ninguém verá o reino dos Céus. Jesus disse a Nicodemos que ele devia nascer de novo. Mas o indivíduo não pode e não deve aventurar-se a olhar para o novo nascimento como parte do fundamento de sua segurança em Cristo. Se ele estiver justificado pela fé, o novo nascimento inevitavelmente se seguirá.

As pessoas não são salvas porque são convertidas, mas pelo fato de mediante a fé terem depositado sua confiança em Cristo Jesus. Deus aceita essa fé,

imputa-lhes a justiça de Cristo, credita-os com a perfeita vida de Cristo, trata-os como se jamais tivessem pecado (Rom. 4:3 e 5). Ao mesmo tempo, Deus as transforma por meio da experiência do novo nascimento, a fim de que elas possuam a vontade para viver uma vida santa. O crescimento em Cristo, que começa aqui, é obra de uma vida inteira, jamais plenamente atingida nesta vida. Mas durante o processo, sempre por causa da obra e morte de Cristo, Deus trata os crentes como perfeitos e dignos da salvação.

Que é justificação?

O *Dicionário Bíblico Adventista* define justificação como segue: “O ato divino pelo qual Deus declara justo o pecador penitente, ou o considera justo. Justificação é o oposto de condenação (Rom. 5:16). Nenhum termo de caráter específico, mas tão-somente a posição diante de Deus. Justificação não é a transformação do caráter inerente; ela não comunica justiça alguma mais do que a condenação comunica pecaminosidade. ... Quando Deus imputa justiça a um pecador arrependido, Ele coloca figurativamente a expiação provida por Cristo e a justiça de Cristo a seu crédito nos livros do Céu, e o pecador permanece diante de Deus como se jamais tivesse pecado” (página 616).

Quando Deus justifica uma pessoa, Ele declara essa pessoa justa por causa de Cristo. A justificação não torna a pessoa intrinsecamente justa (Rom. 5:5). Os pecadores não desfrutam da certeza da salvação porque sua posição repousa naquilo que eles fizeram ou naquilo que foi feito em seu favor, mas porque ela repousa naquilo que foi feito a Cristo (Rom. 5:9 e 10). Ele alcançou sua vitória no Calvário e agora oferece essa vitória a todos aqueles que crêm.

Quando Deus justifica e transforma um indivíduo, Ele inicia também o processo de santificação que dura a vida inteira. Todo crente desejará viver de acordo com tudo aquilo que Deus deseja. Jesus disse: “Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos” (João 14:15; ver também 15:10). Mas o crente observa os preceitos divinos apenas como uma resposta por ter sido já justificado em Cristo; jamais como a causa ou parte da causa dessa justificação.

Deus continua a declarar aqueles que vivem embaixo do guarda-chuva da justificação 100 por cento justos por todo o tempo que eles escolham viver embaixo desse guarda-chuva. A lei não mais os condena, pois Cristo cumpriu todas as exigências da lei (Rom. 10:4). Não admira que Paulo dissesse: “Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rom. 5:1).

Os cristãos estão em paz porque confiam na perfeita observância da lei da parte de Jesus Cristo. Eles não mais estão sob a condenação (Rom. 8:1). Não mais se sentem culpados. A alegria lhes inunda a vida.

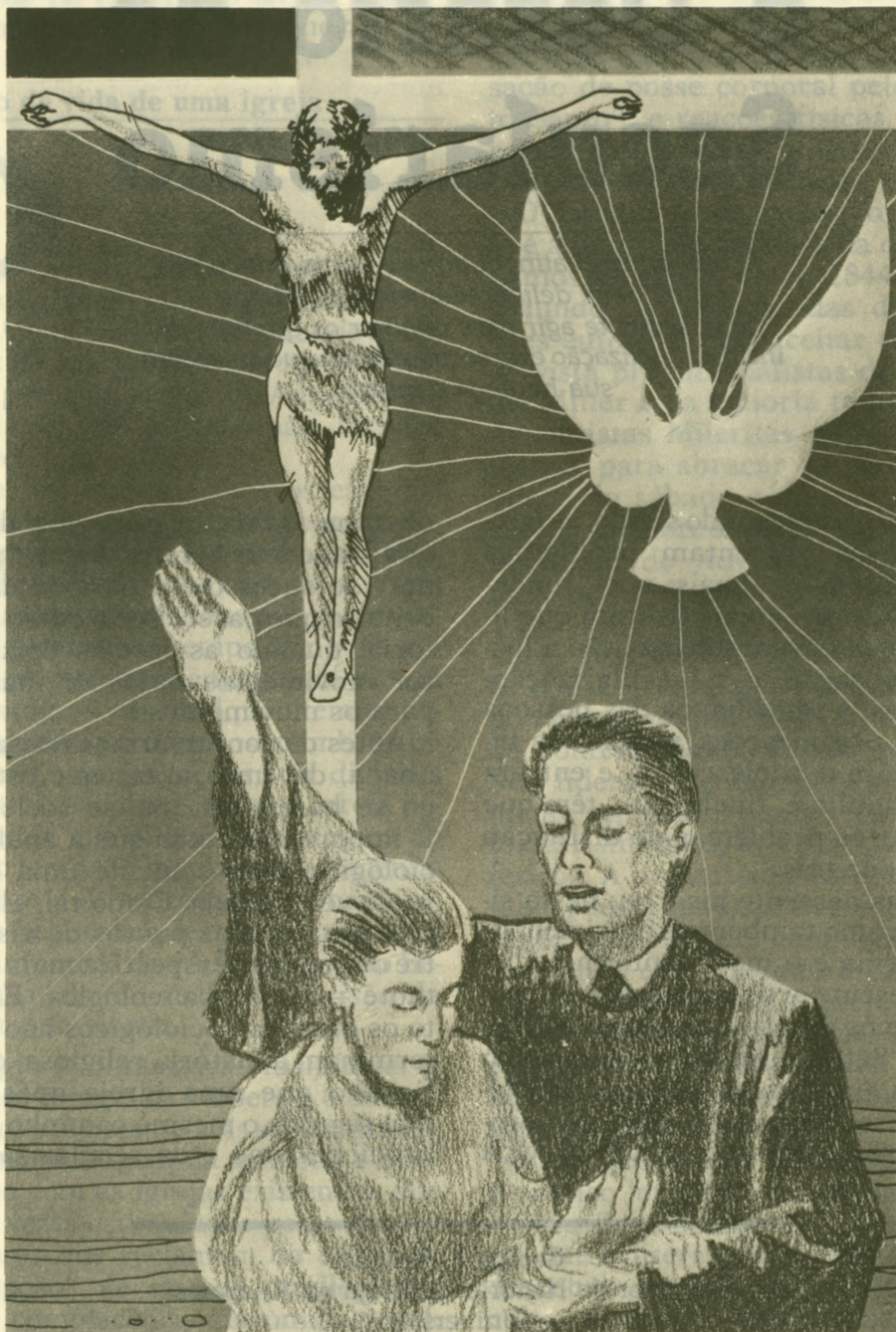
Os cristãos exaltam a Cristo, jamais a si mesmos. Eles se tornam também interessados na vitória sobre o pecado. Levam a sério as palavras de Paulo: “Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?... Como viveremos ainda no pecado, nós que para ele morremos?” (Rom. 6:1 e 2).

Se desvirtuarmos o evangelho, se levarmos nossos jovens a estarem inseguros de sua salvação, se os levarmos a crer que a atitude correta é parte essencial da base de sua salvação, teremos contribuído então para sua perdição eterna. Estamos então em perigo de competir com os fariseus, que eram tão zelosos que percorriam “o mar e a terra para fazer um prosélito” (Mat. 23:15), mas a despeito de todo o seu realce sobre o viver santificado, fechavam “o reino dos Céus diante dos homens” (verso 13).

Paulo nos lembra que é por meio da graça que somos salvos; não pelas

obras (Efés. 2:8). E graça é favor imerecido. Deus não nos aceita por causa de alguma mudança em nós, mas por aquilo que Jesus fez na cruz. Se o aceitarmos como nosso Salvador, Ele nos transformará — mas essa transformação, esse novo nascimento, é sempre parte do resultado de nossa permanência em Cristo; jamais parte da causa dessa permanência.

As normas são importantes. A igreja precisa defender normas éticas e morais. Mas — e desejo frisar este ponto — em tempo algum devem elas servir de pedra de tropeço para a salvação das pessoas. Possa a igreja viver — e não apenas ensinar — a justiça de Cristo.



# Adventismo, Institucionalismo e o Desafio do Secularismo

---

*O adventismo atingiu aquele ponto crítico no qual deve deliberadamente escolher e corajosamente agir para reverter os quadros da institucionalização e da secularização que ameaçam sua herança e missão.*

**N**o seu segundo século, as igrejas enfrentam problemas com os quais seus fundadores jamais tiveram que lidar. Dois desses problemas são a institucionalização e a secularização. As igrejas, à semelhança das pessoas e outras organizações, passam da infância para a adolescência e entram na fase adulta e, finalmente, têm que enfrentar os problemas de disfunção que a idade trás.

A igreja nascente incorreu nesta situação, como também os movimentos da Reforma e o movimento metodista. O presente artigo analisará os problemas e os desafios da Igreja Adventista do Sétimo Dia, no momento em que esta enfrenta os mesmos problemas em seu segundo século. No processo, examinaremos o ciclo de vida

de uma igreja, alguns dos dilemas que impedem a reforma, o "problema" do sucesso e a possibilidade de evitar o que parece ser o curso da história, quando as igrejas deixam de ser movimentos para ser máquinas para os movimentos.

Antes de continuarmos nossa caminhada, devemos notar que este artigo se baseia na análise sociológica. É importante notar que a análise sociológica é tão-somente uma maneira de ver a igreja. Como tal, ela complementa outros pontos de vista, entre os quais a perspectiva mais importante — a bíblica/teológica. Enquanto os quadros sociológicos não predefinem a história religiosa, é significativo que uma igreja após outra tem seguido o mesmo caminho do institucionalismo e da secularização. O

---

George R. Knight  
Professor de História da Igreja na Andrews  
University

desafio a apresentar neste trabalho é reconhecer esses quadros, quando aplicados ao Adventismo, de maneira que tal conhecimento, pela graça de Deus, seja utilizado deliberadamente para “corrigir” a conduta do Adventismo. Veremos se este será ou não bem-sucedido. Uma das grandes lições da história da igreja é que a correção de tal curso não será o produto quer de acidente ou de ignorância.

## O ciclo de vida de uma igreja

**D**avid O. Moberg descreve cinco estágios no ciclo de vida de uma igreja.<sup>1</sup> Esta análise lança grande quantidade de luz sobre o desenvolvimento e o presente *status* do Adventismo, embora o seu modelo não forneça uma perfeita correlação.

Antes de examinarmos os estágios de desenvolvimento de Moberg, gostaríamos de sugerir algumas qualificações. Primeiro, a maneira de a igreja expor as características dos vários estágios ao mesmo tempo, embora ela esteja predominantemente em um ou dois estágios em qualquer tempo dado. Segundo, os diversos membros individuais, congregações, ou divisões étnicas ou nacionais de uma igreja podem estar em diferentes estágios ao mesmo tempo. Terceiro, meu comentário sobre o Adventismo se concentrará nas generalidades concernentes à Igreja mundial dos Adventistas do Sétimo Dia, dando realce à Divisão da América do Norte.

*Estágio 1: organização incipiente.* O primeiro estágio de Moberg é o da “organização incipiente”. As seitas, diz ele, geralmente surgem da agitação e insatisfação com as igrejas existentes, que são às vezes estimuladas pelas classes inferiores que reclamam do clero, da “corrupção” de grupos privilegiados ou da complacência denominacional.

A agitação pode originar-se de uma crise que a igreja atual deixou de solucionar de maneira satisfatória.

Com o surgimento da liderança, emerge um novo culto ou seita, muitas vezes como um movimento de reforma no interior do organismo materno. As seitas que emergem se caracterizam por “um elevado grau de excitação coletiva”, “emoções desordenadas e descontroladas” em situações públicas que “podem levar a uma sensação de posse corporal pelo Espírito Santo”, e reações físicas. “A liderança carismática, autoritária, profética” é característica desse estado.

O estágio da organização incipiente é a descrição apropriada do Adventismo Sabatista entre 1844 e 1863. Oriundo do malogro das denominações eufóricas por aceitar os pontos de vista pré-milenialistas de Guilherme Miller e da maioria relutante dos Adventistas Mileritas pós-desapontamento, para abraçar as verdades bíblicas do sábado e do ministério de Cristo no santuário celestial, o grupo Sabatista do Advento surgiu como uma “seita” distinta entre 1844 e 1850.

Por esse tempo, três fortes líderes — José Bates, Tiago White e Ellen G. White — surgiram para unir o grupo emergente por meio de uma série de conferências e de um periódico. Sua liderança combinada pode facilmente ser descrita como tendo aspectos carismáticos, de autoridade e proféticos. A organização formal era um tabu para a maioria dos adeptos durante esse período, com alguns argumentando que o primeiro passo para a organização de uma igreja era também o primeiro passo para a formação de outra Babilônia. Seu estilo de liderança não se ajustaria bem ao adventismo dos anos 90.

Além dos estilos de liderança, não é preciso ler muito no primeiro volume de *Testimonies For The Church* ou outra literatura adventista, para descobrir o sabor carismático do seu culto. A obra do Espírito Santo este-

ve muito em evidência através de manifestações tais como visões, curas, estar morto para o Espírito, e até mesmo uns poucos exemplos de falar em línguas.<sup>2</sup> Em muitos sentidos, se não na maioria, os Adventistas guardadores do sábado se encontrariam claramente desconfortáveis no Adventismo como o conhecemos hoje.

*Estágio 2: organização formal.* Moberg descreve o segundo estágio como sendo caracterizado por identidade organizacional formal. O grupo estabelece e publica seus alvos para atrair novos membros, que por sua vez são solicitados a se comprometer a se unir formalmente ao grupo. A organização dá origem a um credo “para preservar e propagar a ortodoxia”, e salienta as diferenças entre a nova seita e aqueles que não são membros. São criados símbolos que refletem a orientação teológica do grupo.

O estágio dois muitas vezes observa o desenvolvimento de um realce nos modos que diverge do existente na sociedade subjacente. Assim, escreve Moberg, “o uso de automóveis, gravata, cigarro, música instrumental, cosméticos, alianças pode ser considerado pecaminoso; jogar carta, assistir a cinema, dançar, ou o serviço militar podem ser proibidos. Assim, os códigos de comportamento podem ser introduzidos e fortalecidos; estes distinguem os membros de outros e muitas vezes atraem a perseguição ou ridículo que intensificam os sentimentos e lutas de grupos”. Além disso, as formas de liderança “emocionais” diminuem gradativamente, quando se considera o estágio número três.

O estágio da organização formal representa os Adventistas do Sétimo Dia entre 1863 e 1900, aproximadamente. O ano de 1863 presenciou a formação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia — um paço organizacional precedido pela formação das primeiras Associações locais em 1861 e a escolha de um nome em 1860. Tal mudança foi um passo gigan-

tesco para o distanciamento da atitude de livre curso e “antibabilônica” de muitos adeptos da década anterior.

Imediatamente após a organização formal, veio a visão da reforma de saúde de Ellen White, de 6 de junho (exatamente 15 dias após a formação da Associação Geral), que se revelou um poderoso passo no desenvolvimento de uma embalagem distintiva do estilo de vida adventista. Além do mais, a metade dos anos 60 viu a denominação tomar posição sobre a não-combatência, mostrar interesse especial na questão do adorno pessoal e estabelecer sua primeira instituição do cuidado da saúde. O começo dos anos 70 viu a publicação da primeira declaração formal de crenças do adventismo, o desenvolvimento de sua primeira instituição educacional permanente e o envio de seu primeiro missionário ao estrangeiro. A perseguição pela transgressão das leis dominicais nos anos 80 e 90 e a continuação da discriminação adversa, baseada em sua herança milerita, ajudaram a fortalecer os sentimentos da denominação jovem do grupo.

Por volta de 1900, o estilo de vida e a posição doutrinária do Adventismo ficaram bem definidos, e a igreja apoiou um sistema de missões, associações, escolas, hospitais e casas publicadoras que se expandiu rapidamente por todo o mundo. Além disso, a liderança se estava tornando progressivamente mais formal e “administrativa”, em lugar de ser informal e carismática. Na virada do século, contudo, a denominação havia desenvolvido sua estrutura organizacional de 1863. A reorganização era crucial, caso a igreja devesse operar eficazmente. Isto nos leva ao estágio número três de Moberg.

*Estágio 3: eficiência máxima.* Se o estágio número um é visto como os primeiros passos e o de número dois como a infância, então o estágio três, no ciclo de vida de uma igreja, deveria ser visto em termos de vigor juve-



nil e fase adulta do jovem. Moberg denomina o terceiro estágio como o da máxima eficiência.

Durante o terceiro estágio, os estadistas dominam a liderança e a organização se torna cada vez mais racional. A estrutura formal se desenvolve rapidamente, enquanto são acrescentados os executivos, as assembléias e os comitês, a fim de satisfazer as necessidades da organização em crescimento. Os líderes oficiais desempenham seus deveres "entusiástica e eficientemente"; e os rituais e procedimentos administrativos, embora regularizados, são ainda vistos como meios, em lugar de como fins em si mesmos. Os programas de ação tendem a ser formulados à luz da consideração racional de fatos relevantes. O crescimento durante o período da eficiência máxima é muitas vezes bastante rápido.

O estágio três conhece também o despertar de historiadores e defensores da fé. Este período testemunha a mudança do grupo psicologicamente da posição de seita desprezada para a de seita de quase igualdade com as denominações reconhecidas. A hostilidade para com outros grupos diminui e "a resolução fanática de manter maneiras acentuadamente diferentes se relaxa". Como ilustração, Moberg se desvia do seu caminho na primeira edição do seu livro (1962) para mostrar a "aceitação gradual dos Adventistas do Sétimo Dia nos círculos fundamentalistas (através do auxílio de Walter Martin e Donald Grey Barnhouse, nos anos 50)".<sup>3</sup>

Enquanto o Adventismo esteve obtendo aceitação pública nos anos 50, a denominação indubitavelmente entrou no estado de máxima eficiência de Moberg em 1901. Aquele ano viu a reorganização administrativa da Associação Geral num sentido muito mais racional. Presenciou também a eleição de Arthur G. Daniells para a liderança denominacional. Daniells foi o primeiro presidente que poderia ser considerado como um "estadista".

A sessão da Associação Geral de 1901 testemunhou também a criação de uniões-associações e a atual estrutura departamental em todos os níveis da igreja. Os departamentos substituíram as organizações semi-autônomas, cujos programas diversificados se haviam tornado impossíveis de coordenar. A indicação do primeiro vice-presidente da Associação Geral ocorreu no ano seguinte. Os anos e as décadas subseqüentes viram o desenvolvimento de inúmeros comitês, comissões e outras entidades, com a finalidade de promover o trabalho da igreja. As mudanças organizacionais começaram em 1901, determinando o estágio favorável ao crescimento denominacional sem precedentes em todo o mundo. As primeiras décadas do século vinte presenciaram também o desenvolvimento da literatura histórico-apologética da denominação com escritores como J. N. Loughborough, M. E. Olsen, A. W. Spalding e F. D. Nichol.

Se pudéssemos fornecer uma data específica para o surgimento da "fase adulta" do Adventismo, esta seria 1956, quando a denominação teve para ela estendida a "mão direita da amizade" por meio de Donald Grey Barnhouse, editor de *Eternity* e líder fundamentalista muito influente.<sup>4</sup> A aceitação dessa amizade infelizmente (mas previsivelmente) dividiu as fileiras adventistas entre aqueles que a viam como um passo na direção do inimigo e os que a consideravam como a liquidação deste.

Gostemos ou não disto, a denominação atingiu a sua fase adulta. A evidência dessa transição pode ser verificada no fato de que o final dos anos 50 e o início dos anos 60 atestaram como sendo a maior preocupação da igreja a instituição educacional — com a criação de duas universidades, e a esperança de produzir programas de doutorado em filosofia. A questão agora era saber se a denominação usaria sua responsabilidade adulta.

Embora pareça mais claro que o

Adventismo surgiu no estágio da eficiência máxima por volta de 1901, é muito menos claro verificar onde a denominação está em 1991. Isto pode ser em parte devido ao fato de que precisamos de distância suficiente dos acontecimentos da época para avaliar de maneira adequada o desenrolar da história recente. Seja como for, parece que no tempo presente a denominação está fortemente no estágio três, mas balançando à beira do estágio quatro. Outra maneira de dizer o que precisa ser dito é que parte da igreja pode estar no estágio três, enquanto outros setores já estão no estágio quatro. Este quadro deve tornar-se mais claro quando falarmos sobre o estágio quatro. O importante nessa conjuntura, contudo, não é que determinemos sua posição, mas que antevijamos o quadro geral do futuro, caso o processo denominacional antigo não seja desafiado com sucesso.

*Estágio 4: o institucionalismo.* Moberg apresenta o estágio número quatro como um dos grandes perigos. Durante o estágio, o formalismo exaure a vitalidade do grupo. Sua liderança torna-se “dominada por uma burocracia mais preocupada com a perpetuação de seus próprios interesses do que com a conservação dos distintivos que ajudaram a trazer à existência o grupo”. A administração é induzida a concentrar-se em comissões e mesas que muitas vezes se tornam perpetuadoras de si mesmas. A igreja torna-se uma “burocracia”, com os mecanismos de estrutura do grupo tendo que se tornar fins em si mesmos.

Para os indivíduos que estão nesse estágio, as plataformas doutrinárias se tornam “veneráveis relíquias do passado” e para a maioria dos “adadores” o culto organizado se degenera gradualmente num ritual repetitivo. Nesse estágio, a instituição “tornou-se o senhor dos membros, em lugar de seu servo, fazendo-lhes muitas exigências, suprimindo a personalidade e pondo as energias a serviço da

‘organização da igreja’”.

O estágio quatro, diz Moberg, observa o conflito com o mundo exterior substituído pela completa tolerância. A conformidade com as normas sociais e morais é típica, a “respeitabilidade” torna-se fundamental e as normas dos membros são relaxadas quando a igreja procura trazer para o seu ambiente pessoas mais respeitáveis socialmente. Os sentimentos de familiaridade declinam, quando o crescimento em número de membros leva ao aumento de heterogeneidade e da dedicação, dos sentimentos e interesses volúveis. Os membros tornam-se distantes da liderança e cada vez mais passivos. Os interesses e atividades uma vez considerados “mundanos”, tornam-se as principais atrações, quando a igreja procura tornar-se o centro das atividades comunitárias. Os sermões, enquanto isso, tornam-se “leituras de tópicos que tratam de assuntos sociais, em lugar de ser discursos inflamados” sobre o pecado, a salvação e as doutrinas de igreja.

Como se verificou acima, o Adventismo atual tem um relacionamento de amor/ódio com o estágio institucional de Moberg. Muitos líderes e membros adventistas podem considerar as teses de Moberg uma fonte de tentação, temor ou ambos. Esses sentimentos ambivalentes estão às vezes presentes na mesma pessoa ou grupo de pessoas, simultaneamente.

Há muitos indicadores de que a denominação por vezes chegou ao nível quatro. Eles incluem: as estações de rádio de propriedade da igreja com programação quase que exclusivamente clássica/cultural (com exceção, é claro, das horas do sábado); as deliberações do Concílio da Primavera da Associação Geral de 1989, que criaram os argumentos em favor das “férias comunitárias” para os administradores dos hospitais adventistas baseadas em premissas de mercado, em lugar de na dedicação ou missão denominacional; e o fato de que a igreja

está mantendo um número crescente de pessoal e instituições que já não parece contribuir para o desempenho de seus principais alvos *da maneira mais eficiente*. Os bens adquiridos e a tradição aumentam mais e mais quando a igreja revolve cada vez mais os pés nas areias do quarto estágio.

Um dos maiores desafios que o adventismo contemporâneo enfrenta, quando oscila entre os estágios três e quatro, é fazer um ajustamento saudável. A igreja não pode retornar aos "antigos caminhos" que eram eficazes nos anos 30 e 50; mas, deixar-se levar para o estágio quatro, significa eventual desastre, como veremos em nossa consideração do estágio cinco. A única escolha viável é criticar *radicalmente* (embora racionalmente) as estruturas da denominação, seus procedimentos e programas, etc; e depois reaparelhar-se pela revigoração no estágio de máxima eficiência de Moberg. Tal procedimento tirará tanto as energias como a criatividade. Voltaremos a esse desafio no final deste artigo.

*Estágio 5: desintegração.* O estágio cinco na taxonomia de Moberg é a desintegração. Seus principais características são o excesso de institucionalismo, o formalismo, o indiferentismo, a obsolescência, o absolutismo, a *red tape*, o patronato e a corrupção. Além disso, a falta de sensibilidade da máquina institucional para com o pessoal e as necessidades dos membros causa a perda de sua confiança.

Durante esse estágio, muitos vão formar novas seitas ou se unem a qualquer grupo religioso formal. Muitos dos que continuam em comunhão com a entidade existente, muitas vezes a ignoram na prática ou se conformam com seus ensinamentos só de maneira formal. Enquanto isso, a denominação continua — sustentada por uma liderança com direitos adquiridos e por membros com ligações afetivas.

Enquanto o adventismo contemporâneo pode em certas ocasiões e lugares entrar na senilidade do ciclo de vida

do nível cinco, e conquanto alguns dos movimentos mais radicais das denominações achem que a igreja já se encontra nesse nível, parece que o Adventismo tem ainda um bom trecho de caminho a percorrer antes que esteja firmemente no estágio cinco. Naturalmente, a maior sabedoria está na renovação e reforma dos quadros dos estágios três e quatro, antes que ocorra a degeneração.

### *Dilemas e barricadas no caminho da reforma*

Nem a renovação nem a reforma, contudo, surgem facilmente, uma vez que as organizações religiosas existem, em parte, para prover estabilidade. A dificuldade está em que a tradição e a estrutura são às vezes confundidas com os antigos valores dos fundadores de um movimento. As organizações religiosas desejam simbolicamente passar adiante a experiência de seus fundadores, suas doutrinas originais e o estilo de vida que eles escolheram como ideal; o resultado, porém, é muitas vezes a transferência das meras formalidades dos fundadores, sem o vitalizador espírito que conferiu significado àquelas formalidades.

O sociólogo Thomas F. O'Dea apresenta cinco dilemas que contribuem para frustrar a renovação e a reforma das estruturas religiosas.<sup>5</sup> Esses dilemas estão ativos até certo ponto em todos os estágios do ciclo de vida da igreja — desde a sua infância vigorosa até a senilidade decrépita; sua dinâmica ajuda a levar a igreja pelo caminho descendente até o estágio de desintegração de que falou Moberg. Dois desses dilemas são especialmente pertinentes a este ensaio, uma vez que se relacionam com o ciclo de vida da igreja.

O primeiro dilema de que trata O'Dea é o da motivação mista — o "calcanhar-de-aquiles" das instituições sociais. Em geral um movimento começa com um grupo de discípulos que se unem em torno de um líder carismático. No início, tanto o líder como seus seguidores

res são simples. Eles sabem qual é o seu alvo e não se desviam dele. Não são motivados por nenhuma recompensa externa ou interna das estruturas, tais como o prestígio e os benefícios, pela simples razão de que estes não existem para a nova seita.

Os líderes subseqüentes, contudo, começam a trabalhar em favor do movimento por outras razões que não meramente o cumprimento de seu alvo principal. Surge um clero profissional que dá estabilidade ao movimento, mas, com a estabilidade, vêm muitas "pretensões": segurança, prestígio, respeitabilidade, poder, influência e a satisfação decorrente do uso de talentos pessoais no ensino e liderança. Além do mais, possuir essas recompensas vindouras começa a fazer parte da motivação do grupo.

Essa dinâmica abre as portas para que os homens e as mulheres busquem posições de liderança por razões de interesses pessoais. O'Dea identificou pelo menos três aspectos dos estágios mais avançados do problema da motivação mista, que favorecem a secularização do movimento, quando este experimenta a institucionalização: 1) o surgimento de um carreirismo que está apenas formalmente preocupado com os alvos do movimento; 2) o crescimento burocrático, que pode estar mais interessado na manutenção e proteção dos direitos adquiridos do que em alcançar os alvos originais do movimento; e 3) a timidez e letargia diante dos problemas e desafios, em lugar de um espírito vigoroso e progressivo que está disposto a tudo arriscar para levar avante a missão.

Dessa maneira, enquanto a motivação mista contribui para a sobrevivência da organização da igreja, tem ao mesmo tempo a tendência de transformar os alvos da igreja em valores. E essa transformação quase sempre leva a igreja para a secularização.

A motivação mista não é um problema só do clero. A dedicação e motivação dos membros nascidos no movi-

mento são quase sempre de um tipo diferente daquele a que pertencem os membros que a ele se converteram quando adultos. Como declara H. Richard Niebuhr, "não se pode esperar que as crianças nascidas na igreja recebam a fé com o mesmo ardor que seus pais manifestaram, nem experimentem em um segundo nascimento o que aconteceu com eles, em grande parte, com o primeiro".<sup>6</sup>

Pode haver grande diferença entre os membros procedentes da hereditariedade, em comparação com aqueles que se originaram da convicção. Pois na primeira geração de um movimento, os membros são em geral agregados com base numa experiência de conversão; nas gerações sucessivas, porém, a socialização da juventude por meio dos processos da educação e do preparo, substitui muitas vezes a experiência da conversão mais dramática. Para muitos, ser membro da igreja pode significar relações sociais cômodas, em lugar de uma experiência religiosa radical.

Toda igreja, quando se torna maior, enfrenta o dilema da motivação mista, tanto nas pessoas comuns como no clero. O adventismo não escapou a esta dinâmica da secularização.

Voltemos agora ao outro dilema descrito por O'Dea — o da ordem administrativa: elaboração *versus* realização — como dando impacto ao processo da secularização. Quando o líder carismático se torna rotineiro em uma organização antiga, aumenta a estrutura burocrática, e isto traz certo número de conseqüências. Uma das mais sérias é que as estruturas erguidas para atender a um conjunto de problemas ou oportunidades não são desfeitos quando já não há razão para sua existência. Quando essas estruturas se multiplicam, aumenta a complexidade do movimento. Enquanto originalmente as estruturas resolviam os problemas reais, sua continuidade pode dificultar grandemente a solução de problemas posteriores.

As estruturas obsoletas podem mesmo causar problemas futuros, quando fundos necessários são drenados para fora e as esferas de competência e autoridade começam a coincidir entre os departamentos ou instituições. Os problemas criados são consideravelmente complicados pela existência paralela da motivação mista. Assim "a verdadeira reforma organizacional torna-se ameaçadora para o *status*, a segurança e a validação própria dos titulares da função".<sup>7</sup>

O Adventismo do Sétimo Dia está sentindo atualmente os efeitos combinados da elaboração administrativa e dos dilemas da motivação mista. Quase todos parecem concordar em que a reorganização, a consolidação e a reforma administrativa e institucional radicais são imperativas; poucos, porém, parecem estar dispostos a pôr em ação seus melhores discernimentos. O resultado é que grandes somas de dinheiro e esforço são gastas em defender a existência do *status quo*, quando esses recursos poderiam ser melhor utilizados para criar novas estruturas e metodologias a fim de alcançar os alvos originais do movimento.

O modelo de ciclo de vida institucional de Moberg e os vislumbres de O' Dea sobre os obstáculos para reformar, parecem descrever processos inexoráveis. Como, porém, veremos na seção conclusiva deste assunto, eles podem ser revertidos se o movimento sentir este perigo e estiver disposto a agir racional e corajosamente.

Antes, porém, de examinarmos as curas possíveis para as "doenças institucionais", deveríamos considerar mais um fator na secularização do adventismo.

### O "problema" do sucesso

**O**nde quer que as riquezas tenham aumentado, a essência da reli-

gião diminuiu na mesma proporção. Por isso, não vejo como é possível, de acordo com a natureza das coisas, qualquer reavivamento da verdadeira religião continuar por muito tempo. Pois a religião deve necessariamente produzir tanto a indústria como a frugalidade, e estas não podem senão produzir riquezas. Mas quando as riquezas aumentam, também aumenta o orgulho... e o amor ao mundo em todas as suas ramificações.... Assim, embora a forma da religião permaneça, o espírito está desaparecendo rapidamente."<sup>8</sup>

Estas palavras de João Wesley (o fundador do Metodismo) estabelece o paradoxo enfrentado por todos os grupos religiosos que inspiram seus adeptos a seguirem padrões éticos rigorosos. Em sua dedicação a Deus, tais pessoas trabalham arduamente e economizam. Mas até sua dedicação tende a levá-los (ou muitas vezes aos seus filhos) ao sucesso mundano. Esse sucesso, por sua vez, leva a pensar mais sobre este mundo do que sobre o mundo vindouro.

Essa dinâmica opera tanto na vida dos cristãos como indivíduos, como nas denominações corporativas. Dessa maneira, Peter Berger escreve que uma forma de evitar que uma sociedade se torne secularizada é mantê-la "numa situação de atraso econômico". A solução apresentada por Wesley foi que os cristãos não deveriam só adquirir tudo o que pudessem e economizar tudo o que lhes fosse possível fazê-lo, mas dar também tudo o que pudessem, a fim de que o reino do Céu retivesse toda a fidelidade do seu coração. Nenhuma dessas soluções, naturalmente, é tão apta a se tornar popular quanto suas alternativas.<sup>9</sup>

Atualmente, o Adventismo do Sétimo Dia enfrenta os problemas inerentes à secularização, em seu sucesso, tanto no nível individual como no corporativo. Seu sucesso ameaça as orientações do seu alvo. Essa síndrome se evidencia no adventismo quando "seus

tipos de ministérios de associação” vêem com orgulho a graduação de seus filhos (ou de seus netos) da escola de medicina de Loma Linda (quando em oposição ao treinamento ministerial) como a principal indicação de aperfeiçoamento da família. No aspecto corporativo, o processo se torna evidente quando a manutenção ou aumento das instituições e estruturas (entre as quais as associações) é confundida com o progresso no sentido de realizar a missão da denominação. Assim, um livro recente sobre o Adventismo pode afirmar que “visitar os hospitais do sistema hoje é ver um Adventismo ‘de natureza não denominacional, não sectarista, humanitário e filantrópico’”.<sup>10</sup>

### Há esperança?

**P**odemos nós deter o ímpeto para a secularização? Há esperança? A resposta está na honestidade com que a igreja enfrente o problema. A negativa levaria ao desastre. A defesa é ainda pior. H. Richard Niebuhr vê “o mal do denominacionalismo” como sendo “a tentativa de fazer... a própria preservação e extensão do objeto principal” de seu esforço. Tal orientação faz apenas com que o crescimento de seitas que visam voltar aos objetivos originais do movimento pareça “desejável e necessário”.<sup>11</sup>

Cem anos atrás, a Igreja Metodista dos Estados Unidos enfrentou a mesma tendência para o sucesso e a secularização que o Adventismo enfrenta hoje. Para muitos crentes sinceros, parecia que aquela igreja estava perdendo o sentido do seu alvo. Como resultado, grupos de santos se ergueram para ajudar a denominação a se concentra sobre o que eles consideravam como os principais alvos do Metodismo. A última coisa que a primeira geração de santos reformadores desejava

era a separação do metodismo. A fim de levar a cabo seus intentos, contudo, eles começaram a imprimir sua própria literatura, ter suas instituições de ensino, suas reuniões campais; e, finalmente, adquiriram sua propriedade particular. A segunda geração de líderes santos, uma vez erigida sobre a idéia semi-sectariana, levou seus movimentos do metodismo a estabelecerem as várias denominações nazarenas e wesleianas.<sup>12</sup> O sucesso da denominação fez aparecerem as seitas.

O Adventismo de hoje, com 150 anos de idade, encontra-se em situação análoga à do Metodismo quando tinha a mesma idade. Os próximos 10 anos bem poderão ver facilmente o cisma sectariano, se a denominação que amadurece não efetuar ações corretivas para deter os problemas da institucionalização com seus efeitos secularizantes.

Felizmente, alguma coisa pode ser feita, caso o Adventismo tenha a coragem de realizá-la. A igreja não está presa nas garras da história inexorável.

Em seu valioso estudo da igreja cristã primitiva, Derek Tidball faz alusão às dinâmicas de reversão do processo da institucionalização/secularização.<sup>13</sup> Tidball vale-se do conselho de Paulo a Timóteo e sugere que ele surgiu em parte do desejo do apóstolo de frear os problemas inerentes a uma igreja antiga. Tidball frisa três das admoestações de Paulo.

Em primeiro lugar, Timóteo devia “guardar o objetivo original, o ensino e a vida da igreja” (ver I Tim. 1:19; 4:16; 6:20; II Tim. 1:14). Muitas vezes as pessoas se mantêm apegadas às coisas erradas. “Ao nos maternos firmes, devemos apegar-nos aos princípios das verdades reveladas, não às formas, tradições e estruturas, que são os veículos que conveniente, ou aptamente, expressam esses princípios em qualquer época.”<sup>14</sup> A igreja precisa avaliar constantemente e de maneira crítica os seus verdadeiros objetivos e alvos e colocar suas estruturas e programas em harmonia com

esses alvos.

Em segundo, Paulo instou com o seu colega mais jovem a jamais esquecer-se das "circunstâncias do início da batalha" (ver I Tim. 1:18; 4:16; 6:12; II Tim. 2:4). No momento em que Timóteo afrouxasse a vigilância, toda sorte de assuntos secundários atrairia sua atenção. As igrejas e seus dirigentes precisam manter consciente alerta ao que lhes está acontecendo. Só identificando os problemas e os desafios e tomando providências eficazes, pode qualquer igreja esperar obter sucesso em sua missão.

Por último, Paulo lembra a Timóteo que este deve renovar constantemente os recursos espirituais disponíveis a ele e seus irmãos na fé, a fim de "manter a necessária resistência para a batalha" (ver I Tim. 4:14; II Tim. 1:6 e 7).

Tidball conclui, dizendo que para ser bem-sucedida, a igreja necessita "estar constantemente alerta para o perigo dos motivos mistos, para a ameaça da burocracia lerda, para a diminuição das normas e para a fossilização dos princípios".<sup>15</sup> Além disso, ele sugere que a igreja precisa estar aberta para os novos líderes que Deus pode desejar usar para reformá-la e renová-la.

A igreja primitiva deixou, certamente, de aprender as lições que Paulo procurou ensinar a Timóteo. No segundo século de sua existência, começou ela a sofrer os estragos tanto da institucionalização como da secularização. O Metodismo também falhou nesse ponto no seu segundo século. A sorte do Adventismo em seu segundo século aguarda o processo em marcha da história. A única coisa que se pode dizer com certeza nesse aspecto, é que o Adventismo precipita-se rio abaixo pelas mesmas forças sociais, a menos que *escolha deliberadamente, e corajosamente aja* para reverter o quadro da institucionalização

e da secularização que fazem parte da dinâmica de um mundo parcialmente perfeito.<sup>16</sup>

1. David O Moberg, *The Church as a Social Institution; The Sociology of American Religion*, 2ª ed. (Grand Rapids: Baker Book House, 1984), págs. 118 a 125. Todas as citações não creditadas, referentes à teoria do estágio de Moberg, neste artigo, são tiradas desta fonte.
2. Para o dom de línguas no Adventismo inicial, ver as cartas de Ellen G. White e Hiram Edson em *The Present Truth* (Verdade Presente), de dez. de 1849, págs. 34 a 36. Os escritos autobiográficos de Ellen White fornecem ampla evidência de outras experiências carismáticas no Adventismo inicial.
3. David O. Moberg, *The Church as a Social Institution* (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1962), págs. 120 e 121.
4. Ver Donald Grey Barnhouse, "Are Seventh-day Adventists Christians?" *Eternity*, setembro de 1956, págs. 6, 7, 43-45; T. E. Unruh, "The Seventh-day Adventist Evangelical Conferences of 1955-1956", *Adventist Heritage*, 4 (Winter 1977): 35-46.
5. Thomas F. O'Dea, *Sociology and the Study of Religion: Theory, Research, Interpretation* (Nova Iorque: Basic Books, 1970), págs. 240 a 255; Thomas F. O'Dea and Janet O'Dea Aviad, *The Sociology of Religion*, 2ª ed. (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1983), págs. 56-64.
6. H. Richard Niebuhr, *The Kingdom of God in America* (Nova Iorque: Harper Torchbooks, 1959), pág. 170.
7. O'Dea, pág. 248.
8. João Wesley, citado em Max Weber, *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, trans by Talcott Parsons (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1958), pág. 175.
9. Malcom Bull and Keith Lockhart, *Seeking a Sanctuary; Seventh-day Adventism and the American Dream* (São Francisco: Harper & Row, 1989), pág. 226.
10. H. Richard Niebuhr, *The Social Sources of Denominationalism* (Nova Iorque: New American Library, 1957), pág. 21.
11. Ver Charles Edwin Jones, *Perfectionist Persuasion; The Holiness Movement and American Methodism, 1867-1936* (Methuen, N. J.: Scarecrow Press, 1974); Timothy L. Smith, *Called Unto Holiness; The Story of the Nazarene, the Pormative Years* (Kansas City, M. O.: Nazarene Publishing House, 1962; Melvin Easterday Dieter, *The Holiness Revival of the Nineteenth Century* (Metuchen, N. J.: Scarecrow Press, 1980).
12. Derek Tidball, *The Social Context of the New Testament; A Sociological Analysis* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984), págs. 134 a 136.
13. Op. cit., pág. 135.
14. *Ibid.*, pág. 136.
15. Para mais informação sobre o problema do institucionalismo no Adventismo, ver o meu artigo "The Fat Lady and the Kingdom", *Adventist Review*, 14 de fev. de 1991.

# A Matéria é Importante

---

*O Cristianismo não considera a matéria como pecado; nem considera mais espirituais aqueles que mais se afastam do mundo material.*

**S**e tivessem perguntado a Sócrates “o que é matéria?” antes que ele pusesse fim à própria vida, certamente ele teria respondido: “A matéria realmente não interessa”.

Estaria ele certo? Ou a matéria tem importância?

A história da humanidade revela um estranho fenômeno. Por alguma razão, as pessoas são incapazes de deixar a matéria sozinha. “O que é matéria?” não é apenas uma simples questão, mas uma profunda pergunta filosófica e teológica.

Deus fez Adão e Eva da matéria. E quando eles pecaram, Deus disse: “Esta matéria tem importância”. A declaração de Deus funciona como um código secreto em nossa mente, impelindo-nos a incessante busca a favor da solução.

Sabemos que vivemos em um mundo material. Na verdade, somos feitos de matéria. E, não obstante, no mundo de senso comum, jamais fazemos parte dele. Nós transcendemos dele. Mas como podem duas substâncias feitas do mesmo elemento ser qualita-

tivamente diferentes? Deus sabe. O problema é: nós também gostaríamos de saber.

Na tentativa de responder à pergunta sobre “O que realmente tem importância?” Descartes separou a mente da matéria. David Hume foi mais radical ainda. Com Hume, diz Will Durant, veio a expressão “nem matéria, nem mente”. O grande filósofo Kant, por outro lado, não podia entender como podemos conceber matéria sem programa em nossa mente dada por Deus.<sup>1</sup>

Nos tempos antigos, a raça humana procurou manipular a matéria por meio de ritos e rituais. Hoje, fazemos isso por meio do avanço científico e é realmente “notável” a exposição incompleta ao descrevermos o que as pessoas têm realizado. Mas, quando observamos como nossa manipulação fez o tiro sair pela culatra — através da ameaça nuclear, do efeito estufa, da poluição da água, da poluição do ar e das inundações, etc. — nossa descrição do avanço científico deve incluir a palavra “desastrosa”.

---

Siroj Sorajjakool  
Conferencista do departamento de teologia do  
Colégio Missionário da Tailândia



**O** mais interessante de tudo é a maneira como a religião como um todo se relaciona com a matéria. Tem ela uma forte tendência para rejeitar a matéria em todas as suas formas.

O budismo postula que os quatro elementos básicos — a terra, a água, o ar e o fogo — juntaram-se para formar a humanidade. E felizes são aqueles que entendem que são exatamente uma composição desses quatro elementos. Quando esses elementos estão dissociados, então o “EU” deixa de existir. O budismo crê que o amor à matéria apenas resulta em sofrimento.

O hinduísmo nega a realidade da matéria. Para a filosofia hindu, a matéria é uma ilusão; a substância primária.<sup>3</sup>

Algumas formas de cristianismo vêem certa tensão entre o espírito e a carne, entre o espiritual e o secular. São levadas a descrever as pessoas espirituais como muito austeras, e que passam muito tempo em oração e estudo da Bíblia; cujos pensamentos e conversação giram em torno das coisas do espírito. Esses cristãos “ideais” amam só a Natureza em sua forma pura (antes de ela sair das mãos do Criador). Eles olham para o segundo advento de Cristo, que concebem como os tirando deste mundo — pois eles amam as pessoas do mundo, mas desprezam o mundo em si mesmo e as coisas que nele há.

Assim, os budistas, os hindus e muitos cristãos determinam a espiritualidade de uma pessoa pela distância entre essa pessoa e a matéria.

O que é matéria? O que está errado com a matéria? Os budistas da Tailândia com os quais trabalho, dizem às vezes: “Toda religião nos ensina a ser bons” — e a bondade que eles têm em mente é essa espécie de bondade não material. Ser bom, de acordo com o ponto de vista do mun-

do budista, é desprender-se da matéria e de tudo o que a ela pertence. Um estudante tailandês descreveu o conceito de bondade, para Kosuke Koyama, nestes termos: “A idéia de *bom*, na cultura tailandesa, pode ser descrita como a roupa lavada, passada a ferro e colocada numa gaveta fechada e não mexida. Não a use! Ela pegará sujeira! A roupa deve estar ‘livre’ da sujeira do mundo.”<sup>6</sup>

## O cristianismo e a bondade não material

**A**s vezes tenho imaginado se a cristandade não ensina a “bondade não material” como foi expressa por meu amigo budista. É a essência do evangelho a espiritualidade com exclusão das coisas materiais? Se é, então talvez o budismo seja mais profundo, mais coerente, mais lógico e mais virtuoso do que o cristianismo. Se esta “espiritualidade não material” é o que estivemos salientando como a singularidade do cristianismo, então o cristianismo não é tão singular, afinal de contas, uma vez que mesmo um ateu existencialista como Heidegger aspirava a tal espiritualidade.<sup>7</sup>

Os cristãos muitas vezes definem a palavra “carne” como significando desejo impuro, cobiça, impureza, busca de prazer, imoralidade, ciúme, egoísmo, ambição e assim por diante. Há, porém, o outro lado da palavra “carne”, especialmente nas epístolas paulinas. Sobre o uso que Paulo faz da palavra “carne”, escreve A. C. Thielton: “Representa ela o desejo do indivíduo de assegurar a justiça independentemente da graça de Deus em Cristo, por meio da lei. Dessa forma, ‘sarx’, para Paulo, não está fundamentada na sensualidade, mas na rebelião religiosa, na forma de justiça própria”.

Os gálatas desejavam agradar a Deus por meio da circuncisão, mas,

segundo Paulo, essas tentativas vinham da carne e não do Espírito (Gál. 6:13 e 14). Além disso, em Colossenses lemos o ataque de Paulo ao ascetismo. Ora, não podemos caracterizar nem a circuncisão nem o ascetismo como impureza ou imoralidade. Não obstante, ambos são tentativas carnis de justificação própria.

Assim, é possível que a busca de espiritualidade dos cristãos denominados bons e espirituais seja ditada por sua carne. Deus nunca pretendeu que negássemos a matéria a fim de que testemunhássemos entre as religiões.

A doutrina da Criação ensina que Deus criou o mundo material como um fim em si mesmo. Ele fez o mundo material, assim como fez o sábado, para a humanidade.

Deus fez as pessoas com os sentidos, e pretendia que elas apreciassem o mundo material por meio desses sentidos. A percepção teve sua origem em Deus; assim, não é errado dizer que Deus criou os seres humanos para viverem vida abundante e desfrutar de suas percepções. Deus não criou o mundo material como um meio apenas de as pessoas praticarem o controle e a negação próprios.<sup>9</sup>

A respeito do prazer físico, escreveu Bonhoeffer: "Na vida natural, as alegrias do corpo são lembranças da alegria eterna, prometida por Deus ao homem. Se o homem é privado da possibilidade de satisfações corporais através do uso do seu corpo exclusivamente como um meio para atingir um fim, isto é uma violação do direito original da vida física."<sup>10</sup>

Pelo fato de considerar a revelação como sua fonte de conhecimento, deve o cristianismo permanecer radicalmente separado do fenômeno religioso natural em sua interpretação do mundo. A revelação diz que Deus criou a matéria. E uma vez que Deus criou a matéria, a matéria é importante. Pela mesma razão, a sensação e a percepção — resultados diretos do contato entre o homem e o mundo mate-

rial — são importantes.

"O cristianismo", diz Koyama, "ensina a conexão. 'Assim Deus Se ligou ao mundo'. ... A antiga equação de inevitabilidade-ligação produz tristeza e o afastamento da felicidade — *inevitavelmente* mutila o conceito cristão do amor."<sup>11</sup>

## O verdadeiro cristianismo valoriza a alegria

---

O conceito de que a tendência dos cristãos para não valorizar nenhuma espiritualidade material acima da alegria, do riso e do prazer (para negar-se com fins salvíficos, embora em menor grau do que o budismo) é disfarçar uma expressão subjetiva da religião natural com uma roupagem cristã. Muitos cristãos ainda não permitiram que as doutrinas da revelação e da criação, que tornam o cristianismo radicalmente diferente das religiões comuns, confira essa tendência.

Uma visão não deturpada do mundo cristão, baseada nos conceitos da revelação e da criação, permite aos seres humanos verem, tocarem, provarem, sentirem, rirem e experimentarem a alegria e a tristeza, o prazer e a dor. Erasmo disse com acerto: "A glória de Deus é um homem que está completamente vivo."

Quando a matéria tem importância, cuidamos do bem-estar material e emocional dos nossos semelhantes, bem como do seu bem-estar espiritual e intelectual. Cuidamos porque o homem total é feito tangível através de forma material. É pensando nisto que Elton Trueblood declara: "O cristianismo é a mais materialista de todas as religiões do mundo. Ele não se satisfaz apenas com o espiritual; constrói hospitais".<sup>12</sup>

Depois de uma aula sobre sermão, um aluno budista me disse, certa vez:

“Ter alegria, embora esta possa trazer sofrimento, é melhor do que fugir do sofrimento sem ter experimentado a alegria.”

O conceito bíblico de criação diz que Deus viu a Sua criação e disse: “Está boa”.

1. W. Durant, *The Story of Philosophy* (Nova Iorque: Washington Square Press, 1961), pág. 276.
2. S. P. de Silva, *A Scientific Rationalization of Buddhism* (Colonbo: Metro Printer, 1969), págs. 67-71.
3. Stephen Neill, *Christian Faith and Other Faiths* (Illinois: InterVarsity Press, 1984), pág. 94.

4. D. Elton Trueblood, *The Humor of Christ* (Nova Iorque: Harper and Row, 1964), pág. 15.
5. *Ibid.*, pág. 16.
6. Kosuke Koyama, *Water Buffalo Theology* (Nova Iorque: Orbis Books, 1974), pág. 84.
7. M. Chatterjee, *The Existential Outlook* (Delhi: Orient Longman, 1973), pág. 1442.
8. A. C. Thiselton, *Dictionary of New Testament Theology*, editado por Colin Brown, (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1975), vol. 1, pág. 680.
9. Este conceito é diametralmente oposto aos ensinamentos budistas: “Quando o alimento é bom, a cobiça que é o desejo ardente ou a fixação, ocorrerá. Quando ele não é bom, a insatisfação ou a repugnância ocorrerá.”
10. Dietrich Bonhoeffer, *Ethics*, Eberhard Bethge, ed. (Nova Iorque: Macmillan Pub. Co., Inc., 1965), pág. 157.
11. Koyama, pág. 84.
12. D. Elton Trueblood, *Philosophy of Religion* (Westport, Conn.: Greenwood Press, 1976), pág. 171.



# Figuras Paulinas da Salvação

---

*Um mosaico de beleza e cores assinala a escolha das palavras de Paulo para descrever as boas novas do evangelho.*

**M**uitas vezes lemos ou ouvimos uma frase que imediatamente resume toda uma era ou abre novos horizontes em nossa mente. Anos atrás, tive uma experiência dessa espécie. Meu professor de faculdade estava procurando lembrar-se das espécies de sermões que ele havia ouvido durante a sua existência. “Vitória em Cristo” parecia ter dominado o púlpito, durante os seus anos de colégio e escola superior. As semanas de oração, os acampamentos, reavivamentos, e as principais ocasiões que envolviam a visita de pregadores acentuavam a vitória cristã como o tema principal do evangelho. Em anos mais recentes, continuou meu professor, o realce parece ter mudado para o “relacionamento”.

Muitas vezes tenho pensado na tentativa de meu professor para comprimir a pregação cristã de muitos anos. Pensando em minha própria experiência — crescer em um lar cristão, assistir a reuniões de jovens, estudar num colégio cristão e agora ensinar teologia — sou levado a concordar com meu professor, mas estou inclinado a fazer uma classificação maior. Acho que devo ter pegado a ponta da cau-

da dos pregadores de “vitória em Cristo”. Posso lembrar-me vividamente das muitas reuniões nas quais atendi a um apelo do altar para rededicar a vida a Jesus, a fim de obter a vitória sobre meus pecados. Quando cheguei ao colégio para estudar Bíblia, descobri um novo tema: justificação pela fé. Estava apenas há uma semana no colégio, quando alguém me colocou na mão um questionário sobre justificação pela fé. Parecia claro que o valor do meu cristianismo seria estimado pela maneira correta em que eu respondesse às perguntas. A compreensão apropriada da justificação pela fé, foi-me dito, confirmaria minha ortodoxia, terminaria rapidamente a obra e apressaria o retorno de Cristo. Uma terceira tendência da pregação, mais recentemente observada, salienta o relacionamento. Assim, em minha experiência de ouvinte dos sermões adventistas, posso estabelecer três assuntos básicos sobre três períodos de tempo em meu crescimento e desenvolvimento. Se eu fosse fazer a pergunta: “Qual é a essência do cristianismo?” os pregadores de cada período dariam uma resposta diferente.

Ora, essas respostas não são contra-

---

Robert K. McIver  
Professor de Novo Testamento no Colégio de  
Avondale, Austrália

ditórias, mas nos ajudam a entender como os diferentes realces se concentram na pregação e ensinamento cristãos. Proponho-me, neste artigo, a rever a compreensão que tinha Paulo do evangelho ao chamar a atenção para as figuras de linguagem que empregou para descrever a essência do evangelho.

Paulo usa grande quantidade de ricas metáforas para descrever o que o cristianismo é em toda parte. Agora talvez reservadas ao uso da teologia cristã, faziam parte do cenário comum do primeiro século. Os leitores de Paulo devem ter-lhe entendido a mensagem e seu significado sem muita dificuldade. Vejamos algumas das palavras-chave e captemos a beleza e a riqueza do seu alcance da singularidade e preciosidade do evangelho.

### Justificação/Justiça

**Q**uando fala de justificação pela fé em suas epístolas aos Romanos e aos Gálatas, Paulo está usando uma metáfora das cortes forenses. A palavra grega traduzida para “justificar” é *dikaion* (*dikaionune*, justiça; *dikaion*, justo). A palavra não quer dizer “tornar justo”, mas “considerar”, “declarar” ou “contar” como justo. Quando uma pessoa é acusada perante uma corte e o juiz a declara sem culpa, essa pessoa é considerada inocente. Paulo aplica esse modelo forense ao processo da salvação e declara que devido ao que Jesus fez, Deus considera como justo o pecador que a Ele vem com fé.

Conquanto João use um conjunto de palavras diferentes, o que se acha descrito em seu evangelho (3:17-19; 5:24), está aproximado do que Paulo entende por justificação pela fé. De acordo com João, aquele que crê em Jesus não entra em juízo, enquanto aquele que não crê já foi julgado. O

juízo vem no fim do tempo, e o veredicto dado em juízo determinará o lugar da pessoa na nova ocasião. Mas o crente em Jesus já sabe qual deve ser esse veredicto — vida eterna. Igualmente em Paulo: os pecadores são justificados pela fé (*pistis*, crença), e se crerem em Jesus e continuarem seu relacionamento com Ele, têm a certeza no resultado final do juízo. Eles sabem agora (no presente) que o veredicto será “inocente”. Seu *status* de justiça é assegurado em Jesus (pois Jesus é justo). O futuro tornou-se presente em Cristo, e pode ser aceito pelo crente por meio da fé.

### Redenção

**R**edenção” significa reaquisição — o ato de tornar a comprar, pagando o preço exigido. Fala-se de redimir a propriedade perdida ou resgatar os bens colocados numa loja de penhora, pagando certa quantia em dinheiro. Este era o significado antes da palavra *apolutrosis*, que Paulo usa para falar do ato da redenção em Cristo Jesus (Rom. 3:24). Uma imagem particularmente notável, associada com esta palavra em seu primeiro século de uso, relaciona-se com a redenção de um escravo. O escravo tinha que redimir-se e comprar sua liberdade, pagando ao seu senhor o seu preço de mercado como escravo; ou outra pessoa poderia comprar-lhe a liberdade, pagando o preço. Assim, quando Paulo falou de Jesus como Redentor, na verdade ele estava dizendo que Jesus havia pago o preço para nos libertar da escravidão do pecado. Seus leitores não deveriam perder de vista a questão da passagem da escravidão para a liberdade — tudo como um dom gratuito de Cristo, que realmente pagou um elevado preço pela salvação da raça humana.

O conceito de liberdade em Cristo é ainda mais robustecido pelo realce dado por Paulo, segundo o qual o indivíduo livre do pecado tornou-se voluntariamente um escravo (*doulos* de Cristo, Rom. 6:15-23). A diferença é que o servo em Cristo é uma testemunha viva, alegre e feliz, que passa do poder do pecado e da morte a herdeiro da vida eterna.

## Reconciliação

---

**A** “reconciliação” pertence ao mundo do relacionamento. Consiste em um final para a alienação, uma restauração dos relacionamentos tensos. Duas pessoas se indispõem. Um abismo no relacionamento separa as duas. Uma das partes toma a iniciativa, decide livremente perdoar a outra e estende a mão através do abismo, convidando a outra a aceitá-la. A outra parte medita na ação magnânima, um ato de graça, e resolve aceitar o oferecimento. É transposto o abismo. Restabelece-se o relacionamento. Dá-se a reconciliação. Paulo usa esta imagem terna para impressionar seus leitores com a iniciativa infinitamente maior de Deus, por meio de Cristo, na reconciliação da raça humana consigo mesmo (II Cor. 5:11-21; Rom. 5:11). A atividade de Deus, a função de Cristo, a provisão gratuita, a necessidade da aceitação humana daquilo que se acha disponível em Cristo, a provisão para proclamar as boas novas da reconciliação e o objetivo de que “fôssemos feitos justiça de Deus” (II Cor. 5:21) estão todos presentes na imagem paulina da reconciliação.

## Salvação

---

**E**m grego, a palavra “salvar”

(*sozo*, salvar; *soter*, salvador; *soteria* e *soterios*, salvação) tem pelo menos dois diferentes significados. Marcos 5:35 dá um exemplo do primeiro. Uma mulher afligida durante 12 anos por uma doença incurável, sentiu-se curada no momento em que tocou nas vestes de Jesus. Jesus lhe disse: “A tua fé te salvou (*sesoken*, salvou).” O grego possui um duplo sentido. A mulher não apenas foi curada pela fé, mas também salva pela fé.

O segundo significado de *sozo* é resgate. O livramento veio a uma cidade sitiada, no momento de sua maior necessidade. A cidade foi salva da destruição. É nesse sentido que o ladrão na cruz pede a Jesus que o salve da morte e ao seu companheiro (Luc. 23:39).

Assim, quando Paulo diz que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (Rom. 10:13), está afirmando tanto a cura como o resgate: restauração e livramento.

## Imputação

---

**P**aulo usa também a palavra *logizomai* como parte do seu vocabulário para descrever o que acontece na operação das boas novas. A palavra significa “computar”, “imputar”. Vem do âmbito das transações comerciais. Quando certa soma de dinheiro é creditada em uma conta, essa atividade é descrita como *logizomai*. Paulo usa essa palavra para descrever a justificação pela fé: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado (*logizomai*) para justiça” (Rom. 4:3). Para os leitores de Paulo, familiarizados com a linguagem da época, a mensagem era inevitável: assim como um débito é cancelado por um crédito computado contra esse débito, assim é o enorme fardo e culpa do pecado cancelado por Deus, quando por Sua graça aceita o pecador que a Ele vai com

fé em busca do Seu perdão. Abraão creu em Deus; isso lhe foi imputado como justiça.

## Graça

---

**A** palavra “graça” é fundamental à compreensão cristã da salvação. O vocábulo grego *charis* significa “favor”, ou “generosidade”, especialmente não conseguido ou imerecido. Paulo usa a palavra para sublinhar que a atividade salvífica de Deus em Jesus é totalmente imerecida pelo pecador e que ela constitui a disposição amorosa de Deus para com a criatura errante. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Efés. 2:7-9).

A graça tem que ver também com a imagem do dom. O recipiente não o merece, mas é livre para aceitá-lo; não tem nenhuma base para orgulhar-se, mas tem muito por que regozijar-se. A figura do dom da graça do tempo de Paulo sugere também que o recipiente promete lealdade e serviço além de gratidão, ao senhor.

## Através de Cristo, em Cristo, por Cristo

---

**U**m dos brilhantes argumentos de Paulo em favor da salvação da raça humana através da morte de Cristo, encontra-se em Romanos 5:12-21. Aqui, postula o apóstolo que “como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornaram justos”. O argumento tem apresentado dificuldade contínua para a mentalidade oci-

dental. Não obstante, um pouco da compreensão da cultura em que Paulo estava usando o argumento, levaria a uma apreciação melhor da passagem. Nenhum leitor contemporâneo de Paulo teria exigido qualquer explicação especial, quanto à maneira em que o pecado de um único homem leva à condenação de todos, e a justiça de um só leva à justiça de todos. No tempo de Paulo, o indivíduo estava intimamente ligado ao grupo (por exemplo, a família ou dependentes). O insulto feito a um, era feito a todos. A boa sorte para um, o era para todos. Assim, o modelo paulino de salvação em Romanos 5, pode ser melhor compreendido como um modelo participativo ou familiar em que se pode perceber uma dinâmica corporativa.

## Santificação

---

**E**screvendo à igreja dos coríntios, Paulo fala dos “santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos” (I Cor. 1:2). A santificação (*hagiasis*, santificar; *hagiasmos*, santificação, consagração, santidade; *hagios*, santo) tem fortes raízes no Antigo Testamento. É o equivalente ao hebraico *gadash*, “separar de uso comum”. A palavra acentua o contraste da dinâmica entre o santo e o profano, o comum e o incomum, o puro e o impuro, em especial com referência aos serviços do templo e ao ministério sacerdotal.

Quando Paulo usa a palavra, está também interessado na transformação da dinâmica (Rom. 12:2) que ocorre no processo da salvação, dando origem a uma nova pessoa, em contraste com a antiga. Para Paulo, a santificação não consiste só em separação, mas também na consagração à santidade. Ao unir-se a Cristo, o cristão participa agora da santidade e é separado especialmente “para viver uma vida nova”

(Rom. 6:4), “aperfeiçoar a santidade” (II Cor. 7:1), crescer “em... Cristo” (Efés. 4:15), fugir do mal e seguir a justiça (I Tim. 6:11) e continuar a viver em Cristo “radicados e edificados, e confirmados na fé” (Col. 2:6 e 7).

## Propiciação

**E**m Romanos 3:25, Paulo usa uma palavra importante (*hilasterion*) para descrever o que Deus fez por intermédio de Jesus. A tradução da palavra varia “propiciação” (VKJ), “expição” (VRS), “sacrifício de expiação” (NIV). Nenhuma palavra inglesa sozinha pode traduzir corretamente *hilasterion*. Paulo toma uma metáfora da esfera do sacrifício, e a usa para descrever o sacrifício que Jesus fez no drama da salvação. A imagem da substituição sacrificial sugere que, quando a pessoa pecou, o pecador trouxe um sacrifício, efetuando uma reconciliação entre o pecador e Deus. Paulo usa esta figura para mostrar que, como pecadores, merecíamos morrer; mas assim como o animal sacrificial tomou o lugar do pecador e morreu por este, Jesus também tomou o nosso lugar e morreu por nós, trazendo-nos livramento da morte e a reconciliação com Deus. Mediante Sua morte sacrificial, realizou Jesus

a propiciação, a expiação e o resgate: Jesus pagou a penalidade do pecado e tornou possível a reconciliação de todos os que têm fé nEle.

Para concluir: Como deveria Paulo responder à pergunta: “Qual é a essência do Cristianismo?” Conquanto seja presunçoso colocar-lhe as palavras na boca, poderíamos chegar a uma resposta composta das várias figuras que o próprio apóstolo usou para descrever a atividade salvadora de Deus. Cristianismo é o veredicto de “não culpado”, que se tornou possível agora por meio da morte de Jesus para todos aqueles que nEle crêem. Cristianismo é a liberdade que vem como resultado de ser redimido do pecado pelo valioso preço do Calvário. Cristianismo é a reconciliação, com Deus, do alienado pecador; com o Deus de amor que já nos perdoou. Cristianismo é a cura total da enfermidade do pecado e o resgate certo da morte final. Cristianismo é Deus imputando justiça a nós, e nos transformando da nossa condição de ignomínia para a condição de honra, pelo Seu dom gratuito. Cristianismo é a graça de Deus em amorosa atividade para com Suas criaturas errantes. Cristianismo é a participação na família de Cristo, após sermos separados pelo santo chamado de Cristo. Cristianismo é a reconciliação das pessoas com Deus e das pessoas umas com as outras. Cristianismo é boas novas. O evangelho.



# Anciãos-Pastores dão Novo Apoio

---

*A Associação Ministerial da Associação Geral está tomando a responsabilidade de coordenar o treinamento e apoio de anciãos para a igreja local.*

**S**erviu, pois, Israel ao Senhor todos os dias de Josué, e todos os dias dos anciãos que ainda sobreviveram por muito tempo depois de Josué, e que sabiam todas as obras, feitas pelo Senhor a Israel” (Jos. 24:31). A última parte deste verso sugere mau agouro. O quadro é conhecido. Um por um, todos os líderes que foram testemunhas oculares do poder de Deus no movimento do Êxodo haviam morrido. Todos os que viram o livramento no Mar Vermelho ou testemunharam a exibição do poder de Deus no Sinai ou experimentaram a travessia de um Jordão transbordante não mais existiam. Continuará Israel a servir ao Senhor? Esta era uma grande interrogação quando Josué e seus companheiros chegaram ao final de sua existência.

Haveria, por certo, novos dirigentes ao leme, mas estes não estavam, ao que tudo indicava, incentivando Israel a levar vida dedicada ao Deus vivo. A história posterior a Josué sugere que os homens que deveriam ter formado uma barreira contra o mal, mudaram os rumos para a senda da

desobediência. O resultado? Trezentos anos de apostasia e humilhação, sofrendo nas mãos dos inimigos.

O que Israel necessitava então era de uma forte e dedicada liderança espiritual. A necessidade não é menos urgente hoje, em especial devido ao rápido crescimento da igreja nos países do terceiro mundo.

---

## Cuidando de 32 igrejas

**R**ecentemente, recebi uma carta de um antigo aluno meu. Agora ele era pastor de um distrito de 25 igrejas em uma nação desenvolvida. Seus membros estavam empenhados em construir mais três igrejas. Numa reunião do distrito, seus anciãos expressaram o desejo de penetrar em cinco pequenas cidades de seu território que ainda não haviam ouvido a mensagem. Eles queriam penetrar nessas cidades antes que as condições políticas tornassem impossível fazê-lo. Assim, o jovem pastor lo-

---

J. H. Zachary  
Secretário Associado da Associação Ministerial  
da Associação Geral

go teria 32 igrejas com mais de 1.500 membros para supervisionar e alimentar.

Ele não está sozinho. Em muitos países em desenvolvimento, os pastores são responsáveis por distritos com muitas igrejas, cujas congregações eles não podem visitar mais de duas ou três vezes por mês. Os programas atuais e os apertos financeiros da igreja contribuem para as dificuldades enfrentadas com o crescimento da igreja. A situação é grave especialmente em regiões do mundo nas quais tribos animistas se estão tornando cada vez mais receptivas ao evangelho. Em tais circunstâncias, as congregações nas quais a economia se baseia num sistema de trocas de produtos agrícolas, não podem gerar as finanças para atender as necessidades da igreja de chamar um pastor.

Não obstante, em muitas áreas como estas a maioria dos membros está envolvida com o evangelismo. O resultante surto de crescimento continua a constituir o desafio que a administração da igreja enfrenta — de proporcionar serviços pastorais às congregações.

Tais situações trazem seus benefícios. Tendo o seu pastor que viver numa vila ou cidade distante, sem poder visitar durante semanas, em certa época, dirigem os membros leigos o trabalho da igreja. Na maioria dessas áreas a participação leiga nas atividades da igreja envolve de 75 a 95 por cento dos membros.

Quando ensinava em Mountain View College, muitas vezes testemunhei a significativa contribuição que os anciãos leigos davam para que a igreja se mantivesse crescendo e se fortalecendo. O pastor do distrito local, que ficava nas proximidades do colégio, tinha mais de 45 igrejas em seu distrito. Os alunos do curso ministerial e os anciãos da igreja local faziam a maior parte do trabalho pastoral dessas congregações.

Certa ocasião, fui de jipe a uma dessas pequenas igrejas da vila. Quando

cheguei, búfalos de carroças já estavam estacionados perto da igreja, bem atrelados. Olhando para o campo, vi pequenos grupos de pessoas vindo para a igreja. Cada grupo era liderado por um dos dirigentes locais. Durante o culto de oração, realizado mais cedo naquela semana, a comissão da igreja havia resolvido começar um programa de visitação, tendo em vista membros afastados. Ao chegarem à igreja no sábado de manhã, as pequenas equipes haviam alcançado vários lares ao romper da alva. Havia feito o culto familiar com os membros afastados, e agora os estavam trazendo para o culto de adoração.

Quão vibrante foi ver o ancião dirigir um culto de consagração para aqueles membros afastados! Quando a reunião da igreja terminou, o ancião recebeu alguns amuletos mágicos e outros objetos que eram uma fonte de tentação para uma das pessoas visadas. A congregação toda se reuniu em torno das chamas quando os objetos foram nelas atirados. Um espírito de reavivamento havia tomado conta daquela congregação naquele dia.

### **Anciãos organizam o evangelismo**

**T**enho ido a reuniões nas quais os anciãos organizaram o evangelismo, reunindo forças para penetrar em novas áreas. Escolheram seu melhor pregador leigo, deram-lhe um modesto salário e o enviaram com uma pequena equipe de crentes para fundar uma igreja em uma nova área. Ao chegar o tempo da colheita ou da sementeira, uma nova congregação estaria pronta para unir-se às igrejas irmãs — tudo como resultado do trabalho leigo.

Em algumas áreas, circunstâncias difíceis acompanham os anciãos leigos em seu ministério. Certa ocasião, no

término de um seminário para anciãos e pastores, um senhor jovem entregou-me um bilhete que havia recebido. Dizia o bilhete: "Não torne a visitar a minha vila, do contrário você morrerá".

O jovem explicou: "Meu irmão e eu terminamos recentemente uma campanha evangelística nessa vila. Pretendíamos voltar para fortalecer os crentes novos. Por favor, ore por nós."

São precisamente homens e mulheres corajosos como este que estão iluminando regiões não penetradas com o evangelho, e que estão alimentando a igreja.

Contudo, em muitas regiões distantes, do mundo, não utilizamos o potencial de nossos dedicados e consagrados anciãos leigos. Muitas vezes não lhes pedimos coisa alguma além de que anunciem o hino, peçam as ofertas e façam a oração. Eles podem fazer muito mais por suas congregações. Para contarmos com o seu serviço, tudo o que precisamos fazer é oferecer-lhes treinamento e apoio, e dar-lhes a oportunidade de exercerem sua liderança espiritual nas igrejas a que pertencem.

Ao mesmo tempo em que as necessidades dos anciãos nas nações em desenvolvimento são óbvias, são comparativamente tão grandes os desafios enfrentados por aqueles que exercem este ofício em países desenvolvidos. Cumpre aos anciãos propiciar às suas congregações uma gama de serviços espirituais. Têm eles a responsabilidade de alimentar os membros de suas congregações, por exemplo; e necessitam com urgência de equipamento para fortalecer este aspecto do seu ministério. Os anciãos podem apoiar eficazmente seus pastores, fechando a "porta dos fundos" da igreja por meio do ministério pessoal em favor de suas igrejas.

Os anciãos prestam sua colaboração às igrejas da América do Norte e Europa, onde seus pastores têm que atender às vezes quatro ou cinco igrejas, e precisam com urgência de apoio para pregar e dar assistência adequa-

da a suas ovelhas.

Temos agora esta oportunidade.

Depois de consultar os administradores da igreja e o departamento dos ministérios da Igreja, a Associação Ministerial da Associação Geral concordou em assumir uma nova responsabilidade — a de coordenar o preparo e o apoio dos anciãos de igreja locais. O objetivo é criar equipes fortes, dedicadas, de anciãos-pastores, orientadas em testemunhar e alimentar, que proporcionem a liderança espiritual e profissional que nossas igrejas estão aguardando.

Em conjunto com o departamento dos Ministérios da Igreja, a Associação Ministerial da Associação Geral está dando passos no sentido de apoiar o ministério dos anciãos em duas importantes áreas: fornecendo as ferramentas e definindo as funções. (O Comitê dos Anciãos, recém-formado, e a comissão de criação do manual dos anciãos, descrita abaixo, incluem representantes da Divisão da América do Norte e dos departamentos dos Ministérios da Igreja da Associação Geral, bem como da Associação Ministerial.)

## Ferramentas para os anciãos

**A** obra já começou com um manual dos anciãos. Na forma de um *Manual Para Ministros*, o manual serve como guia e livro de consulta, para ajudar os anciãos a desempenharem suas funções na igreja local. A comissão de leitura, que se compõe de membros de todas as partes do mundo, estará envolvida no preparo do manual. Um estojo de companheiro, de materiais de treinamento, também estará disponível aos líderes de associação e pastores locais, para uso no treinamento de anciãos.

Reconhecendo a necessidade de in-

formações dos anciãos, de compartilhar interesses e idéias, de discutirem os problemas, a Associação Ministerial pediu à revista *Ministry* que publicasse mensalmente uma seção dedicada a este aspecto vital da liderança da igreja. Todos os anciãos de igreja estão convidados a se tornarem assinantes e leitores regulares do primeiro jornal profissional.

O Centro de Provisão Ministerial da Associação Geral dará assistência, tornando o material e o equipamento acessível ao uso dos anciãos.

Os planos de longo alcance da Associação Ministerial incluem também a produção de um manual que ajudará os anciãos no preparo de sermões. O pastor distrital itinerante, pode pregar o mesmo sermão várias vezes, mas seu ancião precisa ter alguma coisa para pregar cada semana!

## A função do ancião

---

**S**e os anciãos necessitam de ferramentas para atuar de maneira adequada, a clareza do papel do ancião é também vital. Conquanto todos os nossos anciãos sejam grandes líderes espirituais, eles são muito diversificados. Alguns deles não conseguem ler ou escrever; outros, são médicos, advogados e engenheiros. Dão sua colaboração em circunstâncias bastante diferentes. Alguns raramente pre-

gam; outros, pregam na maioria dos sábados do ano. Há princípios bíblicos de liderança que podem satisfazer as várias necessidades existentes na igreja mundial? Necessitamos de uma declaração bíblica específica quanto ao significado da ordenação.

O manual de anciãos, que está em preparo, não apenas fornecerá informação sobre a prática desse ministério; ele considerará também seus fundamentos bíblicos. As respostas serão encontradas sem dúvida ao longo das orientações que o apóstolo Paulo nos deixou no modelo por ele estabelecido para o grupo de anciãos-pastores.

Alguns setores da igreja estão orientando o plano, na tentativa de atender as necessidades dos anciãos leigos. Duas Associações na Divisão do Pacífico Sul estão enviando a revista *Ministry* para cada ancião de igreja. Durante o quinquênio passado, a Divisão do Extremo Oriente tomou a decisão de tornar os anciãos de igreja locais membros associados das associações ministeriais da Associação ou Missão. A União Central das Filipinas adotou recentemente um alvo de treinar 5.000 anciãos. A União-Missão Filipina do Sul segue um ciclo de quatro anos para o treinamento de seus anciãos. E durante vários anos a agora União-Missão Papua-Nova Guiné esteve operando uma escola de preparo para anciãos.

O treinamento e uso eficaz de anciãos leigos é realmente a resposta às pressões que o crescimento exerce sobre a liderança da igreja.

# Vencendo a Barreira do Silêncio

---

*O crescente aumento de coma cerebral desafia os pastores a conhecerem essa condição inutilizadora, e a se tornarem competentes provedores de cuidado.*

**V**inte de maio de 1977. A manhã surgiu fresca e bela, embora um pouco cinzenta.

Com os dois filhos utilizando cintos de segurança bem apertados, ela saiu guiando pela via Interestadual 234, em Des Moines, Iowa. De repente, surgiu em seu caminho um enorme caminhão. Ela desviou o seu velho chevette para evitar uma colisão de frente, mas se chocou com a traseira do caminhão. Outro veículo grande surgiu da cerração e bateu em seu carro. O impacto feriu gravemente as crianças e reduziu a mãe a uma quadriplégica inútil. Uma jovem senhora vigorosa e ativa, com muita vida pela frente, tornou-se de repente uma comatosa, uma inválida vegetativa. Durante 14 anos, tudo o que se podia ver era um corpo, um olhar vago e uma invalidez total.

Como pastor, o que poderia eu fazer?

A pergunta é ao mesmo tempo relevante e urgente. A relevância decorre da própria natureza do nosso ministério — cuidar compassivamente

daqueles que desesperadamente necessitam desse cuidado, transmitir o amor e o interesse de nosso Senhor a essas pessoas sofredoras. A urgência encontra-se nas estatísticas de hoje. Os acidentes de trânsito incapacitam a milhares de pessoas cada ano, deixando-as inválidas comatosas de cérebro prejudicado. Em um só dia, aproximadamente 10.000 norte-americanos repousam em coma prolongado.<sup>1</sup>

---

## Fatos acerca do coma

**A** fim de atender com eficiência a pacientes comatosos, deveriam os pastores saber algumas coisas básicas sobre o coma. O "coma" ou "comatose" descreve uma síndrome mental caracterizada pela completa perda de consciência, que leva à falta de resposta aos estímulos externos. Esta condição pode ocorrer em resultado de qualquer das seguintes causas:

---

Robert W. Rae

Depois de 44 anos de ministério na Igreja Presbiteriana, o autor escreve como jubilado, de Mesa, Arizona

**Concussão simples.** Qualquer ferimento na cabeça, que produza mesmo um breve período de inconsciência, deveria ser atendido imediata e seriamente. Uma concussão simples pode lançar as sementes de um grande perigo um pouco mais tarde. Muitas vezes as complicações pós-concussão podem incluir uma alteração da personalidade, dores de cabeça persistentes, incapacidade para concentrar-se, explosões emocionais, ansiedade e alucinações.

**Dano cerebral.** Qualquer ferimento na cabeça tem o potencial para afetar o cérebro. Um ferimento que impede a chegada de sangue e oxigênio ao cérebro, ainda que por uns poucos minutos, pode levar a conseqüências desastrosas. Com a interrupção do fornecimento de sangue, o cérebro começa a atrofiar-se, e seus nêutrons não podem regenerar-se.

**Ataques.** Os acidentes vasculares cerebrais, causados por vasos sanguíneos rompidos ou bloqueados, que fornecem sangue ao cérebro, produzem ataques, os quais podem degenerar-se em coma e/ou morte.

**Anormalidades metabólicas.** Os tumores, epilepsia, hipoglicemia, alcoolismo agudo, a acidose diabética e condições como estas, podem causar deterioração da consciência, passando pelos estágios da letargia e entorpecimento até chegar ao coma.

**Hemorragias intracranianas.** A hemorragia no crânio pode produzir coágulos sanguíneos, os quais se não forem retirados imediatamente por meio de cirurgia, podem produzir coma cerebral.

Até poucos anos atrás, o tratamento do coma consistia principalmente do cuidado do corpo do paciente, enquanto se aguardava fosse um milagre ou a morte. Os pacientes que permaneciam comatosos por mais de vinte e quatro horas eram considerados

irreversíveis e se esperava que expirassem dentro de duas semanas.

Ao contrário, o pronto atendimento do coma promete maior esperança para o despertamento e recuperação dos pacientes comatosos. Um estudo recente menciona a recuperação satisfatória de 40% dos pacientes que haviam sido comatosos durante duas semanas.<sup>2</sup> A "recuperação satisfatória" incluía a capacidade de vestir-se e alimentar-se, da pessoa, bem como de gozar certa medida de independência.

Qual é o segredo?

O Dr. John LaPuma, do Departamento Médico dos Hospitais e Clínicas da Universidade de Chicago, talvez tenha a resposta.<sup>3</sup> Ele chama esse programa de tratamento de "enriquecimento ambiental". Nesse programa, ele proporciona estimulação contínua máxima, calculada para produzir o despertamento e a recuperação do paciente. Ele insiste com os médicos, com o pessoal médico e com os membros da família para que entrem em contato com os pacientes comatosos e conversem com eles. Ele usa o rádio e a televisão para propiciar estímulo constante. Não admira que a técnica do Dr. LaPuma tenha resultado na recuperação total de pacientes comatosos.

Os pacientes recuperados, muitas vezes têm afirmado que ouviam e entendiam o que se passava ao seu redor durante o seu sono, embora não pudessem responder verbalmente. Uma paciente recuperada falou recentemente dos cinquenta e três dias de tratamento impessoal de seu médico. Ela queria dizer-lhe: "Doutor, o senhor nunca me disse alô. Por que o senhor age como se eu não estivesse aqui?"<sup>4</sup>

Pelo fato de os pacientes comatosos muitas vezes ouvirem e entenderem o que se diz em sua presença, os que tratam deles estão instruídos a não dizer coisa alguma que tais pacientes não devam ouvir. A conversa descuidada ao pé do leito pode deixar um paciente ansioso ou preocupado.

**C**onquanto a ciência médica já tenha feito muito para entender o trauma físico e mental que se acha associado aos pacientes comatosos, os pastores podem ainda desempenhar um papel importante ao lidar com esses pacientes e seus familiares. A dor é um dano pessoal; ela possui sua dimensão espiritual e clama por uma palavra de conforto, uma mensagem de esperança, uma certeza de paz. É nesse ponto que a função pastoral se torna significativa, sem se tornar intrusa. Sugiro cinco passos pastorais que podem ajudar, ao se lidar com pacientes comatosos.

1. *Comece dando "orientação verdadeira".* Os pacientes comatosos podem ouvir e entender muito daquilo que se lhes diz, embora não sejam às vezes capazes de responder. Por isso, como pastor, fale com clareza aos pacientes, identificando nomes e interesses. Fale sobre coisas que interessem aos pacientes, na suposição de que eles as entendem. Evite dizer qualquer coisa negativa aos pacientes.

2. *Lembre-se de que os pacientes comatosos atendem às técnicas de despertar.* O contato humano jamais perdeu a sua magia. Seu toque de encorajamento e interesse, um caloroso aperto de mão, um abraço para mostrar que você se interessa, um sorriso — tudo isso tem o seu valor na visita que você faz ao paciente comatoso.

3. *Robustea a fé de seus pacientes.* Uma visita pastoral, em alguma ocasião, deve ser uma oportunidade para fortalecer a fé, e a beira da cama de um paciente comatoso não é exceção. Palavras de confiança nos supremos propósitos divinos, leitura apropriada de textos bíblicos (por exemplo, Salmo 23; Isa. 43:2; Mat. 6:9-13;

Rom. 12:12; 8:28; II Cor. 12) e o oferecimento de orações fervorosas, transmitem o interesse pastoral. Uma oração tal como a que vem a seguir, comunica força ao doente:

Querido Pai celestial: Sabes as preocupações que pesam sobre nosso coração neste momento. Podes dar a força correspondente ao nosso anseio. Necessitamos de Tua ajuda e de Tua esperança. Somos gratos pelo Teu amor, que não nos abandonará, e por aqueles cujos atos de amor nos animaram o espírito e aliviaram os fardos. Pedimos-Te que faças com que todas as coisas contribuam juntamente para o nosso bem e para glória Tua, Pai de amor. Tens os Teus planos para nossa vida e de nossos queridos, ó Deus. Entregamos nosso futuro em Tuas bondosas mãos. Em nome de Jesus. Amém.

4. *Aconselhe e conforte a família do paciente.* Os familiares dos pacientes comatosos experimentam momentos de angústia e tensão. Além disso, eles têm que lidar com muitos pormenores, como esforços de apoio vital, prestação de cuidado de longo prazo, cuidado institucional, enfermagem do lar, etc. Os pastores precisam estar capacitados a aconselhar nessas áreas. Pode chegar também o momento em que o pastor precisa aconselhar a família a aceitar o impossível. Não é o preparo de uma família para enfrentar o sofrimento e a morte uma importante responsabilidade pastoral?

5. *Dê valor às oportunidades de instruir os incapacitados discípulos do Senhor.* Com a evidência de que os pacientes comatosos respondem aos estímulos externos, e com uma fé que serve de apoio a toda esperança e ação cristã de que nada é impossível a Deus, que maravilhoso privilégio tem o pastor de transmitir esta esperança a um paciente que sofre!

Conte como Deus usou uma saudação amiga para despertar Jackie Cole de seu coma de quarenta e sete dias.<sup>5</sup>

Uma vez que o coma de Jackie se prolongava, seu esposo começou a acreditar que o tubo de oxigênio que mantinha sua esposa com vida, estava impedindo-a de descansar. Após grande angústia, Harry Cole e seus filhos solicitaram à Corte de Baltimore permissão para retirar o tubo de oxigênio de Jackie, a fim de que ela morresse. O juiz Carrol Byrnes indeferiu o pedido, alegando que Jackie ainda não estava "cerebralmente morta".

Seis dias após a decisão do juiz, um amigo da família entrou no quarto do hospital onde Jackie estava. Conforme o seu costume, tomou na sua a flácida mão da enferma e, cordialmente, gritou para ela:

— Alô, Jackie!

Pela primeira vez em quarenta e sete dias, Jackie abriu os olhos e sorriu animadamente para todos os que estavam no quarto. Por meio daquela simples saudação, Deus fez Jackie voltar do seu prolongado sono e pôr os pés no caminho da recuperação.

Mais tarde, Jackie descreveu seu sono comatoso nestas palavras: "Eu despertava e, como que nada até à superfície, via alguém e depois caía de costas novamente, como se estivesse

mergulhando na água. Certa vez, imaginei que estivesse vendo a Deus! Eu estava certa de que via a Deus. Senti-me como se estivesse sorrindo para Ele. Isto me trouxe uma boa impressão.... (Agora) me sinto como uma pessoa completamente nova. Tornei-me uma pessoa muito melhor do que era. Sou de muito mais fácil convivência e não me sinto infeliz por qualquer coisa. Sinto-me feliz por haver lutado tão arduamente para viver. Agradeço a Deus por estar com vida..."<sup>6</sup>

A miraculosa recuperação de Jackie Cole deveria animar os pastores e outras pessoas que dão atendimento, a continuarem seu ministério com ânimo e confiança. Deus dará fiel apoio ao serviço de amor de Seus administradores de cuidado. Para Ele "todas as coisas são possíveis" (Mat. 19:26).

1. Richard Ostling: "É errado interromper o fornecimento?" Time, 23 de fevereiro de 1987.
2. Leah Wallach, "A Volta do Coma", Omni, junho de 1986, pág. 18.
3. "Falando com Pessoas em Coma", Vogue, abril de 1988, pág. 166.
4. Ibid.
5. Joan Tattner Heilman, "A História Miraculosa de uma Sobrevivente de Coma", Redbook, julho de 1987, pág. 90 ff.
6. Ibid.